

A LITERATURA EUROPEIA DA MIGRAÇÃO

European migration literature

Júlio César Monteiro Martins¹

RESUMO: Breve reflexão sobre a literatura europeia da imigração na Itália, sobre os meios de difusão da obra dos escritores migrantes e a diferença entre a literatura de migração e a literatura pós-colonial.

Palavras-chave: literatura europeia; imigração; literatura pós-colonial

ABSTRACT: Brief reflection on European literature of immigration in Italy, on the means of dissemination of the work of migrant writers and the difference between migration literature and postcolonial literature.

Key words: European literature; immigration; postcolonial literature

*Destierros! La distancia
se hace espesa,
respiramos el aire por la herida:
vivir es un precepto obligatorio.*

Pablo Neruda, Exilios

Já há pelo menos duas décadas a Europa redescobre a si mesma através do olhar dos seus escritores migrantes: aqueles estrangeiros de origem que decidiram exprimir-se no idioma dos seus novos países de adoção como idioma literário.

¹ Escritor e professor de Língua Portuguesa e Tradução Literária na Università di Pisa.
julio.monteiro.martins@gmail.com

São escritores turcos ou curdos na Alemanha, indianos ou paquistaneses na Inglaterra, algerianos, malgaxes ou senegaleses na França, mas, sobretudo é este o aspecto mais interessante do fenômeno de praticamente todos os países do mundo, na Itália. Este país abriga não somente a literatura da migração mais variada de escritores oriundos de uma centena de países, mas também aquela de mais alta qualidade literária. Ao menos uma dezena desses novos autores italianos figuram entre os mais inovadores e os mais estudados da recente literatura europeia, tanto em narrativa como em poesia.

A este ponto é lícito perguntar por que especificamente a Itália? Uma primeira resposta pode ser obtida a partir de uma simples imagem satelitária: a península italiana que penetra no Mediterrâneo em direção ao Oriente como uma ponte natural entre a Europa, a Ásia e a África, e, há milênios, o seu litoral recortado constitui um novo lar para povos de uma imensa região. Uma outra explicação é de caráter histórico: como a Itália teve uma história colonial frágil e fugaz no XX século, tendo tido somente possessões efêmeras na Líbia, na Somália e na Etiópia, não acumulou potência cultural no exterior para gerar uma literatura pós-colonial italiana, e esta fugacidade acabou por transformar-se em força no século sucessivo, com o país isento desta nódoa e dos ressentimentos inevitáveis que dela decorrem, e disponível portanto para acolher as levadas de escritores de todo o mundo, que encontravam uma estrada desimpedida: um território quase virgem de resíduos da colonização. Ao contrário dos autores pós-coloniais na Inglaterra, na França ou na Espanha, os escritores migrantes italianos haviam podido fazer aquela escolha de vida e de arte espontaneamente, com o espírito livre e bem-disposto.

As antologias *Al confine del verso*, de poesias, organizada por Mia Lecomte, *L'italiano degli altri* de narratori e poeti in Italia e nel mondo, organizada por Dante Marianacci e Renato Minore, e sobretudo a grande antologia crítica *Nuovo Planetario Italiano* servem como vitrines para a exuberante criatividade dos novos italianos. De fato, há dois anos, quando o centro cultural alemão Roman Fabrik, de Frankfurt, promoveu o primeiro seminário europeu da literatura da migração, o destaque foi para os escritores de língua italiana, lá representados pelas nacionalidades que, em número mais expressivo, escrevem em italiano: albaneses, brasileiros, alemães, assim como romenos, iranianos e magrebins.

É um fato notório que grande parte dos novos talentos do século XXI, seguindo os ditames da conjuntura globalizada e de um ambiente intercultural que transcende a geografia, é composta de estrangeiros, mas o elemento mais relevante não é de tipo quantitativo, mas sim qualitativo: os autores e autoras que viveram a experiência traumática de ósuicídio administradoö que é a emigração apresentam nas suas obras sucessivas uma densidade e uma profundidade existencial incomparável, uma espécie de maturidade vivencial e psicológica superior àquela dos europeus nativos de hoje. Ademais, os seus escritos possuem um olhar virgem e penetrante, que opera como um verdadeiro raio-x das mazelas do continente, traspassando a sociedade e a política europeias; os impasses e as dificuldades desse vetusto e litigioso aglomerado de nações, para adaptar-se a um mundo diverso ô um mundo descolonizado inclusive nos seus valores e nos seus mitos ô , e pouco respeitoso das tradicionalmente inoxidáveis referências culturais do Velho Mundo. Tudo isto resulta numa visão nova, iconoclasta e singular da vida dos europeus ôde origem certificadaö, da hesitação entre racismo e curiosidade, entre rejeição e integração, entre autocelebração e autocomiseração, entre narcisismo e vergonha que caracterizam o *pathos* europeu do novo milênio.

É preciso sublinhar o fato de que esta nova literatura da migração não se identifica com a assim chamada òliteratura pós-colonialö, como, por exemplo, aquela praticada por Salman Rushdie, Tahar Ben Jelloun, Amin Maalouf ou V. S. Naipaul, e que é um subproduto das relações metrópoles/colônias estabelecidas no período do Imperialismo, e na qual os escritores das ex-colônias escrevem na língua da metrópole, ou seja, na língua ensinada no seu próprio território como língua superior da elite local, uma literatura portanto que propõe uma inversão da relação colonial mas sempre dentro de um mesmo contexto: òThe Empire writes back!ö, como no título do famoso ensaio de Bill Ashcroft.

Os escritores òmigrantesö, ao contrário, não provêm necessariamente de ex-colônias, mas têm origens muito mais variadas e insólitas, tanto nas relações simétricas, norte-norte, como no caso dos alemães que escrevem na Itália, quanto nas assimétricas, sul-norte, como no caso dos escritores bosnianos refugiados na Alemanha ou dos iraquianos ou indianos na Itália. A nova literatura da migração é um fenômeno bem mais mundializado e ao mesmo tempo mais livre e menos condicionado historicamente do que a literatura pós-colonial das últimas décadas do XX século.

Uma outra diferença relevante é o fato de que, enquanto a literatura pós-colonial, assim como a literatura nativa europeia, tinha como vetor de difusão o livro impresso pelas grandes editoras e distribuído nas livrarias, a literatura da migração utiliza como veículo principal a Internet e a sua difusão se dá principalmente através de pequenas editoras, algumas das quais pioneiras na publicação das obras exclusivamente em e-books, e de revistas culturais on-line como as italianas *El-Ghibli*, *Letteranza* e *Sagarana*. O uso das novas tecnologias de informação tem permitido não somente uma difusão mais extensa desta literatura, abrangendo inclusive outros países, mas sobretudo uma enorme rede de estudos, pesquisas e teses nas universidades de todo o mundo, a ponto de não ser exagerado afirmar que a literatura europeia da migração é a primeira manifestação inteiramente globalizada de um movimento literário.

Quanto à capacidade e à disposição do *establishment* literário e crítico de metabolizar esta nova literatura, temos uma situação ambígua: uma parte do sistema omite a sua existência e jamais menciona estas obras, enquanto no mesmo país uma outra parte o estuda febrilmente, escreve quase que exclusivamente sobre estes autores e a considera uma vanguarda literária fundamental. São duas posições contemporâneas, mas conservadas separadas, hostis uma à outra, e incompatíveis como a água e o azeite, uma espécie de esquizofrenia crítica que deverá encontrar mais cedo ou mais tarde um terreno comum de reflexão.

Fruto de um mundo mais dinâmico, aberto e intercomunicante, a literatura europeia da migração é o arauto de uma civilização universal emergente, na qual os mitos e ritos antes segregados passam a constituir um patrimônio humano compartilhado, além de ser também o melhor instrumento de conhecimento e de interpretação das complexas questões que estão vindo à tona neste panorama.